

expos. Sarah Affonso

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
Arquivo FCS	01.97

Dar a ver uma série de retratos feitos entre 1926 e <sup>48</sup>1937, por Sarah Affonso, constitui uma importante contribuição para o conhecimento de uma obra, em grande parte ignorada pelo público.

Pelo facto de não existir em Portugal um museu de arte moderna, pelo facto de não se poder ainda <sup>à 2ª R</sup> fazer uma leitura, senão completa, pelo menos mais justa da moderna arte portuguesa, toda a mostra que faça sair uma obra da obscuridade, se torna relevante, num país onde a história da arte do século XX é ainda mal conhecida, e onde Sarah Affonso tem um lugar preciso.

Tendo Sarah Affonso vivido emancipadamente em Paris em 1924 e em 1928/29, tendo sido a última discípula de Columbano, tendo sofrido o inevitavelmente académico ensino da Escola de Belas Artes, tendo sido a mulher de Almada Negreiros, soube a pintora fazer algo de extremamente difícil para quem por tudo isto passou: atingir o ponto zero, recuperar a inocência do primeiro olhar, encontrar o encantamento.

O seu encantamento enraíza no Minho onde a pintora viveu na infância e na adolescência. Nos ex-votos, nas alminhas, nas procissões e nas festas do povo.

Assim a fusão da modernidade com a voluntária representação ingénu-a, onde a experiência do bordado tem grande peso, dão à obra de Sarah Affonso uma dimensão lírica raramente encontrada na arte moderna portuguesa.

Mas, porque de uma exposição de retratos se trata, dois tipos de retratos teremos de distinguir: uns que existem por exigência de rigor na análise visual e psicológica que à pintora se apresenta, e outros, verdadeiramente inovadoras na obra da artista e na arte em geral, que são os retratos de família em que os planos do real e do imaginário se somam. São imagens invocadoras de uma iconologia popular, em que a candura é máxima. Os retratos de família podem ler-se como se lê um presépio; o filho pode ter a conotação de menino Jesus pairando sobre a cabeça dos pais, coroando um triângulo simbólico. Nestes casos, o retrato ultrapassa o exercício de rigor naturalista para se instalar eminentemente no plano do imaginário, instaurando uma nova visão simbólica e afectiva.

Sílvia Chicó